

ARTE URGENTE URGENTE ARTE

Nº 10 - Octubre de 2018

Debates y Contrapuntos de Ideas Visuales

EDITORIAL



Arte Urgente agita en la muestra colectiva de afiches *Resistencias Tipográficas IV*, con impresiones en vivo, aroma a tinta gráfica, las manos manchadas y el cuerpo exultante para salir a la calle y bancar la parada con pegatinas en plena avenida Corrientes gritando con nuestras palabras: ¡Resistiendo a la asfixia neoliberal!

Arte Urgente resiste una vez más desde la tipografía de madera y metal, oficio que recupera la letra y la palabra de manera individual y colectiva intentando intervenir con la gráfica urgente en la coyuntura que nos apremia interpelar, vinculado a problemáticas que hoy desbordan la misma realidad: Ni una menos y la lucha del movimiento de mujeres por el aborto legal, seguro y gratuito; el rechazo social a la vuelta al FMI –que patético déja vu–; repudiando el poder de policía de los militares, en la calle solo el Pueblo; los Despedidos del Estado; la lucha de los 29 Profesorados contra la

inconsulta UnicABA; *Fora Temer* y *Lula Livre*; Libertad a Milagro Sala presa política y a todos los luchadores populares, y por qué no, la efeméride del Mayo de 1968 en Francia a cincuenta años de sus luchas emancipadoras, y en octubre, reverberando el movimiento estudiantil y revolucionario que fue obturado durante la Masacre de Tlatelolco en México, las Ollas populares de los movimientos sociales, y que también hacen los maestros, para resolver el hambre de los pibes ante un Estado ausente que cierra las escuelas y se desentiende de los valores de la educación pública, de calidad, gratuita e inclusiva, entre tantas otras formas de pensar y accionar en la actualidad.

Arte Urgente denuncia que nos encontramos puertas adentro para reconocernos, afianzar lazos, reconfigurar imaginarios, apropiarnos –mutuamente– del hacer del

arte. Pensar y poner en común caminos recorridos y por recorrer. Aprender, enriquecernos. Saber que somos muchos, y que podemos ser más en la construcción popular.

Arte Urgente entiende que también nos encontramos puertas afuera. Para alzar la voz, interpelar, hacer frente con palabras e imágenes a las palabras e imágenes con las que nos invaden los medios hegemónicos y la propaganda oficial. Porque no vamos a ceder ni un color, ni una palabra, y mucho menos, la genuina alegría de esta lucha.

Arte Urgente juega, ríe y sueña desde la gráfica incandescente, por eso, busca resistir a los embates del neoliberalismo con fuerza y alegría. Resistir con viejos y nuevos imprenterxs, diseñando con letras gigantes, de manera manual, papeles a tres colores y frases en negro, marcando ritmos y vacíos justificados en cuyos silencios se recuestan las metáforas, las de lo “no dicho” que vuelve evidente la tinta brillante.

Arte Urgente abraza a los compañeros tipógrafos que participan y envían sus trabajos desde Paraná, Bahía Blanca, Zárate, La Plata, Brasil, México, Suecia, y de la ciudad de Buenos Aires sumando ganas de activar con los investigadores de la Red de Conceptualismos del Sur que supieron agitar en un afiche conjunto con Juan Carlos Romero en *Fora Temer-Fuera el Temor* con el afán de resistir desde el corazón las urgencias y memorias de nuestros pueblos hasta alcanzar el mismísimo sueño. Y eso nos pertenece. Las calles también, como expresa visualmente uno de los trabajos de la muestra “La belleza está en las calles”, pasando por todas las tradiciones gráficas desde los Artistas del Pueblo de principios del siglo XX hasta el presente, y como dice el poeta Vicente Zito Lema frente a la construcción del odio y el oprobio: “La Belleza es nuestra”.

María Inés Afonso Esteves, Raquel Masci y Juan Pablo Pérez

Um breve relato sobre o que estamos aprontando por essas bandas

Clara Albinati

São 22:30 da noite e começo a escrever esse texto, resolvo deixar em português mesmo, já que muito em breve todos nós nos entenderemos em todas nossas línguas. Venho de um panfletão e de tomar cerveja com novas amigas que conheci nessas últimas semanas de militância. Em quatro dias sabemos já os resultados do primeiro turno das eleições e, provavelmente, quando esse texto for publicado, já estará velho. Tudo aqui está correndo nessa velocidade, as coisas boas e as atrocidades.

Vou contar um pouco sobre as coisas boas. Há alguns meses participei de um grupo de ações, que vem realizando atos desde 2013, o grupo se chama “Alvorada” e é daqui de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Eles inventaram a “tenda da democracia”, uma *carpa* montada no coração da cidade onde são distribuídos adesivos e são vendidos botões e camisetas que refletem as diversas lutas políticas que estamos vivendo, como o “fora temer” e o “lula livre”. Nessa tenda também coletamos centenas de cartas populares para o presidente Lula, preso injustamente. Conversamos com as pessoas e esclarecemos muitas questões.

Com a venda das camisetas, o grupo Alvorada organiza outras ações com faixas, bandeiras gigantes em eventos em que realizamos “lulaços” e, agora, “luladaddos”. O primeiro lulaço ocorreu em BH e depois foram realizados outros em todo país por pessoas diversas. Foram chamados de “flash mobs” ou mobilizações relâmpago. Isso porque a militância é convocada por whatsapp, sendo informada sobre um dia e lugar de encontro. Na hora marcada, um trompetista (ou o trompetista) dava o tom, tocando “olé,olé,olé,olé,olé,olé, Lula LulaLá” e todos cantamos juntos. Era como um “assalto sonoro”, uma multidão de repente cantando junta e teve muito efeito. Inclusive fizemos um flash-mob com um coral de mil vozes por Lula livre que foi super emocionante. Da mesma maneira, recebemos por whatsapp uma mensagem com a música que deveríamos ensaiar em casa. Ao chegar ao local combinado, havia um maestro que nos regia. Essas ações transbordam o Alvorada (que não reivindica autoria) e são replicadas em outros lugares. Depois que Lula foi proibido de ser candidato (estava com 40% das intenções de voto) e Fernando Haddad se tornou nosso candidato a presidente, passamos a fazer “luladaddos”.

Nesse meio tempo, fizemos diversas faixas de até 200 metros com a mensagem “lula livre” que viajaram todo Brasil e o exterior. Também costuramos um bandeirão de 60 metros de largura e uns 5 de altura com os dizeres “lula livre”, costuramos as letras gigantes à mão! Entre várias mãos. Abrimos o bandeirão em diversos atos e para tanto é necessário mais de 30 pessoas carregando nas laterais. As pessoas começam a correr e brincar de-



baixo da bandeira gigante, fazendo uma festa. Também tiramos algumas fotos com drones. No dia da confecção do bandeirão, havia um grupo ensaiando uma batucada o que é constante em nossas manifestações, a presença de uma bateria carnavalesca.

Entre as militantes, surgiu também o “Linhas do horizonte”, um grupo de mulheres (entre 40 e 80 anos de idade) que bordam juntas durante os atos. O grupo influenciou o surgimento de outros semelhantes em todo Brasil e, hoje, estão fazendo um tapetão coletivo “Lula livre”, que terá 100 metros de pequenos bordados reunidos, feitos por mulheres de todo país. O tapetão será entregue ao Lula.

Durante as eleições, o momento político se acirrou (por exemplo, um juiz proibiu a veiculação da imagem do Lula ao Haddad no horário político, restringindo sua aparição, inclusive a menção da palavra Lula ou gestos que remetessem a ele, a apenas 25% do tempo da programação. Com isso, no início, muitas pessoas estavam confusas e não sabiam quem Haddad é o candidato de Lula. Recentemente também comitês do PT e do PCdoB foram invadidos pela polícia que recolheu materiais em que Lula aparecia). Tivemos então que inventar novas estratégias que esclarecessem a população. Criamos um subgrupo do Alvorada, o “Panfletão”, e resolvemos panfletar à moda antiga. Fizemos centenas (e até hoje, milhares) de flores vermelhas de papel crepon, saímos num grupo de 20-30 pessoas caminhando pela cidade. À frente um violão, nós vamos atrás cantando, distribuindo flores e conversando com as pessoas, dizendo que “Lula é Haddad e Haddad é Lula”, “é 13 na cabeça”. Em geral, a recepção é muito boa e as pessoas fazem festa e cantam conosco.

Como vice de Haddad, temos uma mulher maravilhosa, a Manu. E entre milhões de mulheres fizemos no último

sábado (29 de setembro) manifestações multitudinárias em várias cidades do país contra o fascismo.

Enfim, estamos vivendo um momento muito duro, muito tenso, em que tudo pode acontecer, porque desde o golpe de 2016, estamos num estado de exceção. Entretanto, sempre que nos reunimos há grande alegria em estar juntos e as pessoas em volta se unem nessa alegria e convicção ao redor desses sonhos e dessa primavera que, como disse Lula, não pode ser contida.

Ah, aliás, o Lula é tão massa que um dos últimos recados que mandou pra militância foi que empunhassem livros e carteiros de trabalho nas manifestações, em contraposição ao gesto de arma que os fascistas fazem. Lula é um dos caras mais geniais do Brasil, há 30 anos inventaram a imagem da estrela (brilha uma estrela, brilha a esperança) branca no fundo vermelho com as letras PT e hoje, desde a prisão, com o mote de campanha “por um Brasil feliz de novo”, ele diz empunhar um livro e a carteira de trabalho nos atos! Lula é essa pessoa amada e brilhante que além de tudo sabe propor imagens que dizem mais que mil palavras, ele também entende de “ações gráficas”!

Lula Livre!
Haddad 13!
Manu no Jaburu!
Marielle, presente!
#Eleição!

Dedico esse relato ao Du, Ana Lúcia, Oneida, Munish, Elianinha, Seuzza, Vera, Lola, Madu, Angélica, Luzilene, Neidinha, Soninha, Andrea, Vanessa, Negra Lu, João Cláudio, Evandro, Pedro, Gilberto, Lúcia, Adrianas, Meire, Maria Luzia, Dani, Hercília, Jefferson, Fabiano, Joyce e demais companheirs de caminhada e ações.

La urgencia de nombrar. Gráfica, aborto

Fernanda Carvajal,
octubre 2018

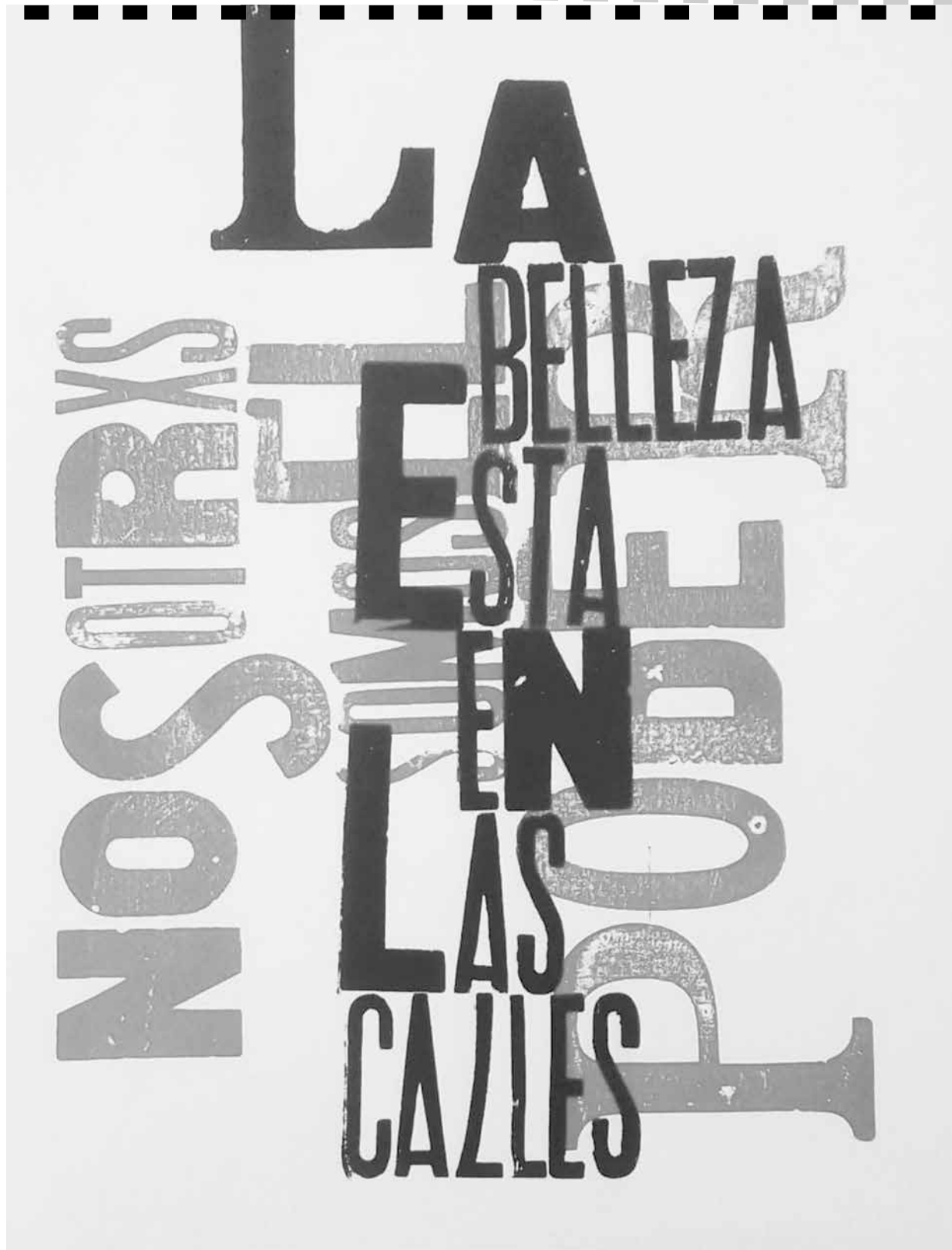


“Aborto legal es vida”. Pienso en esa consigna que cada año, hace tantos años, viene estampando serigrafistas queer en distintas plazas y marchas, sobre afiches, remeras, pañuelos, stencils, en nuestras pantallas. Una consigna que hoy, cobra toda la fuerza de su reiteración en medio de las guerras sobre el significante “vida” que vemos librarse en el Congreso, en los medios, en la calle. Este año, qué duda cabe, en Argentina y en distintos puntos del continente, el aborto se ha ubicado en el centro de la política, se ha constituido en un espacio de antagonismos. Si retomo esa gráfica de serigrafistas queer, es porque en su simpleza y su vigencia, también nos recuerda que la lucha por el aborto ha implicado una larga, por momentos invisibilizada y sin lugar a dudas persistente lucha del feminismo, que no puede subsumirse a un presente que se disipa. Que no puede obviar los saberes y prácticas acumuladas, como las políticas de socialización de información y el acompañamiento de aborto con pastillas. Una lucha que el feminismo y el activismo lgtbi ha transitado construyendo una perspectiva a partir de un largo proceso de discusiones, afirmando la certeza de que despenalizar el aborto es luchar en contra de la desigualdad, contra las muertes por aborto clandestino, contra el mandato a la maternidad obligatoria, contra las violencias del sistema médico, pero también, una lucha por defender y visibilizar la heterogeneidad de los cuerpos gestantes, por el deseo arraigado en esos cuerpos. Como decían en 2010 lesbianas y feministas por la descriminalización del aborto y el 14 de junio de 2018 un volante del frente de transmasculinidades: el aborto también es deseo.

La feminista chilena Karen Glavic, plantea en un texto reciente que “el feminismo tiene hoy su tiempo, aunque no es solo hoy su tiempo”. Las luchas feministas no son sólo un ahora, se han ido fermentando hace décadas, pero también es preciso intentar comprender el rasgo diferencial, la singularidad de este momento. Hace unos días en una conferencia, Rita Segato señalaba que el rebrote fundamentalista que opera en la persecución a la llamada “ideología de género” y que cobra fuerza con el avance del integrismo religioso (evangélico y católico) en la clase política de la región, nos muestra que las luchas feministas, sexo-genéricas han dejado de estar en el margen de la política. Segato sugería que estamos en un momento de desplazamiento, donde el programa multiculturalista que estimulaba la diferencia para incluir diversas “identidades” y estabilizar un sistema capitalista sin alternativas, comienza a dar paso a otro momento que implica un retorno de fuerzas ultraconservadoras, donde la despenalización del aborto, la ley de identidad de género, la educación sexual en las

escuelas, comienzan a constituirse en el centro de una cruzada y adquieren una renovada peligrosidad.

En este contexto el afiche de Artistas para el Pueblo incluido en *Resistencias Tipográficas IV*, propone una zona de ambigüedad que veo como una invitación a formular preguntas. Por ejemplo, ¿a qué apela la palabra ancestralidad en el afiche, a quienes interpela? Al leer el afiche pensé en las genealogías familiares del aborto, y en cómo la entrada del feminismo en ese espacio lleno de secretos que es una familia, en muchas ocasiones permite abrir un espacio de habla intergeneracional, que logra disolver el silencio o desbloquear una confidencia largamente guardada. Tal vez, refiere a que la ancestralidad nos permite entender nuestra historia, pero también pone resistencias, también puede ser un límite. ¿Pero que implica vincular ancestralidad a “desandar luchas”? ¿O es que se está interpelando a los sectores pro-vida? Pienso también en el llamamiento a atreverse, a decidir, a tomar un riesgo. En el riesgo que toman las mujeres que abortan, en el riesgo que la clase política pudo haber tomado al aprobar una ley que decidió, finalmente, rechazar. Y en cómo el afiche opera en una tensión entre visibilidad e invisibilidad, entre lo que dice y lo que calla, que debilitan ese llamado al riesgo. Las palabras “seguro”, “legal”, “gratuito”, el color verde, rodean, pero no terminan de pronunciar la palabra aborto. Me pregunto por la omisión de esa palabra que aun sigue siendo incómoda, ocultada en fórmulas que intentan blanquear su convulsión (como “interrupción voluntaria del embarazo”) o que derechamente lo criminalizan (como cuando se lo nombra como “asesinato”). Para el activismo lgtbi en general, y el lesbico en particular, lo que se dice y lo que se calla, constituye un campo de disputa por darle un lugar, por volver habitable lo socialmente oculto y silenciado. El silencio es una forma de disciplinamiento, de negación de existencias, por eso, nombrar se vuelve un acto político. Lesbianas y feministas por la descriminalización del aborto en 2010 hacían un llamado a “sacar el aborto del closet”, a contestar la abortofobia y la criminalización no solo estatal sino también social del aborto. Era un llamado a desclandestinizar, a abrir un campo de inteligibilidad y legitimidad para el aborto. El aborto, que ha sido un recurso defensivo de las mujeres (y no solamente de las mujeres), que como las ollas comunes que se multiplican en Moreno, a lo largo de todo el país, antes que una avanzada han constituido históricamente prácticas de retaguardia, que aun así, han sido y están siendo contestadas con formas de castigo y condena social desmedidas ¿cómo entender hoy, entonces, la omisión del aborto, de esa palabra?



Resistencias Tipográficas IV: Gráficas urgentes

Cecilia Iida y Juan Pablo Pérez

G.R.A.S.A.

*Marchemos, gritemos, protestemos...
Que cuando se escriba la historia de este tiempo
que nos tocó vivir,
se sepa que no estuvimos de acuerdo...*
Raúl González Tuñón

GRASA es en la calle. En el accionar. En la interacción. En poner el cuerpo. Nos organizamos casi como respuesta urgente y desesperada al avance de la derecha recalcitrante desde fines de 2015. "Hagamos algo": ese es nuestro leimotiv. Nos manifestamos al calor de la urgencia, esa que a veces se multiplica tanto que nos devora en la vorágine cotidiana. Queremos (tenemos) que seguir haciendo.

En un contexto que nos asfixia, con gobiernos neoliberales que precarizan nuestra existencia, asumimos el impulso, la necesidad y el deber de colaborar desde nuestra especificidad, visibilizando el arrasamiento constante al que estamos todxs expuestxs. "Hagamos algo". A veces ese algo nos angustia. Pero a veces ese mismo mantra nos energiza, nos activa, nos pone alertas, nos encuentra juntxs, nos consuela.

GRASA no somos solo nosotrxs. GRASA es la calle entera. GRASA es la gente que se pega una imagen en su pechera militante, es la familia que se para y juega con

nuestros zootropos callejeros, es la persona que nos regala su radiografía vieja para convertirla en stencil de lucha, es el/la amigx que pasó y nos ayudó a colgar afiches en lo alto de una pared.

GRUPO: Nuestra manera de entender la lucha. Desde los afectos creados. Desde lo colectivo. Desde la horizontalidad.

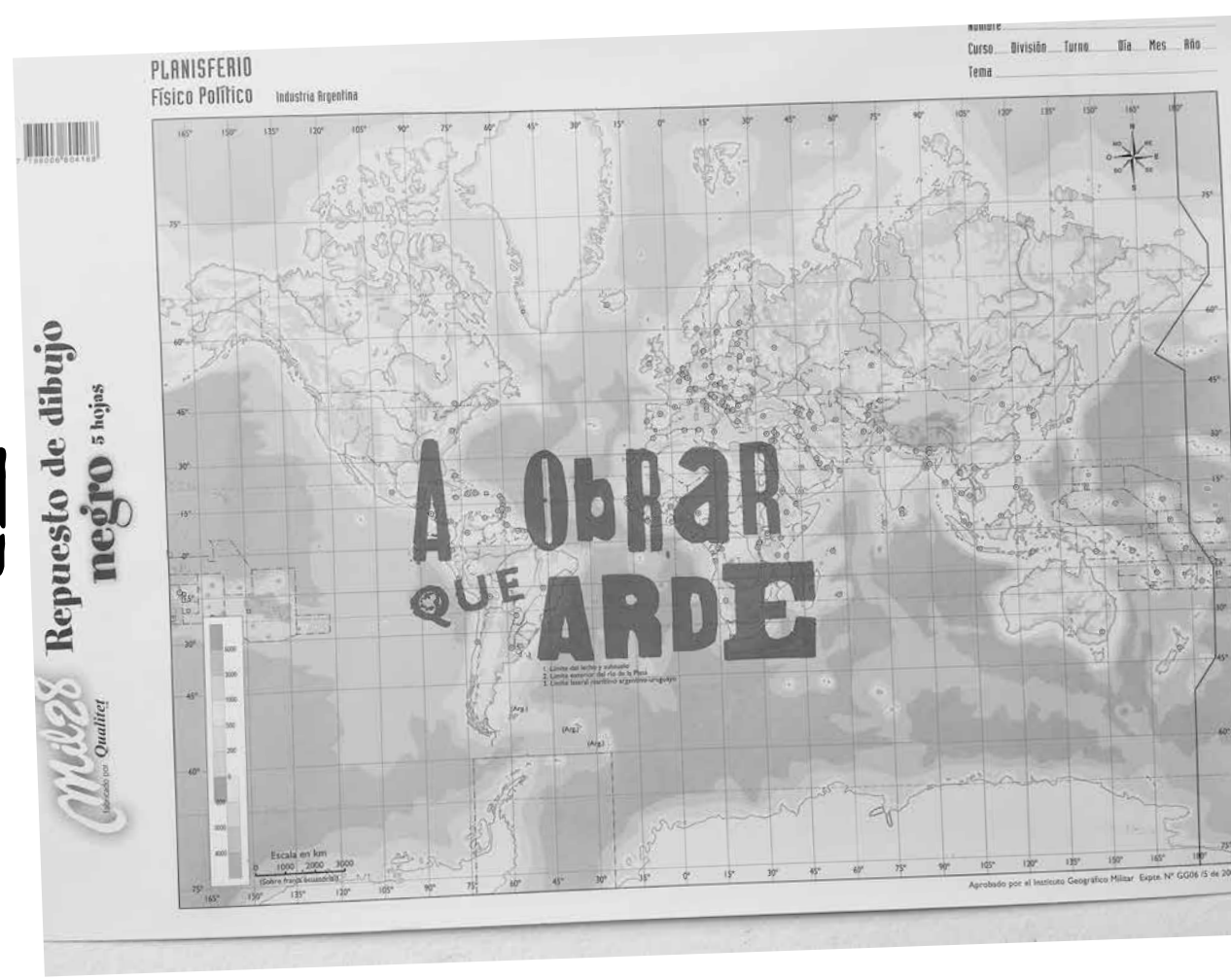
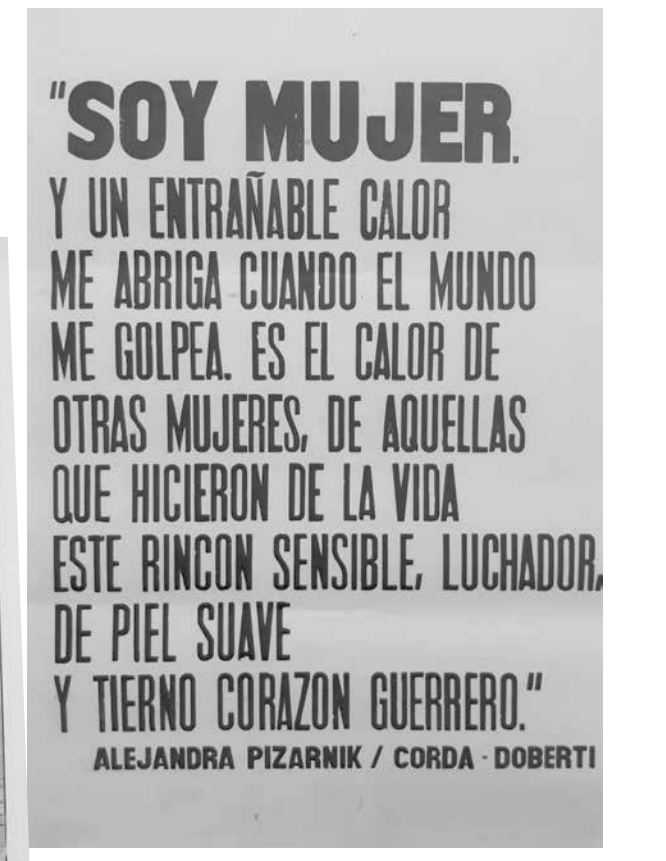
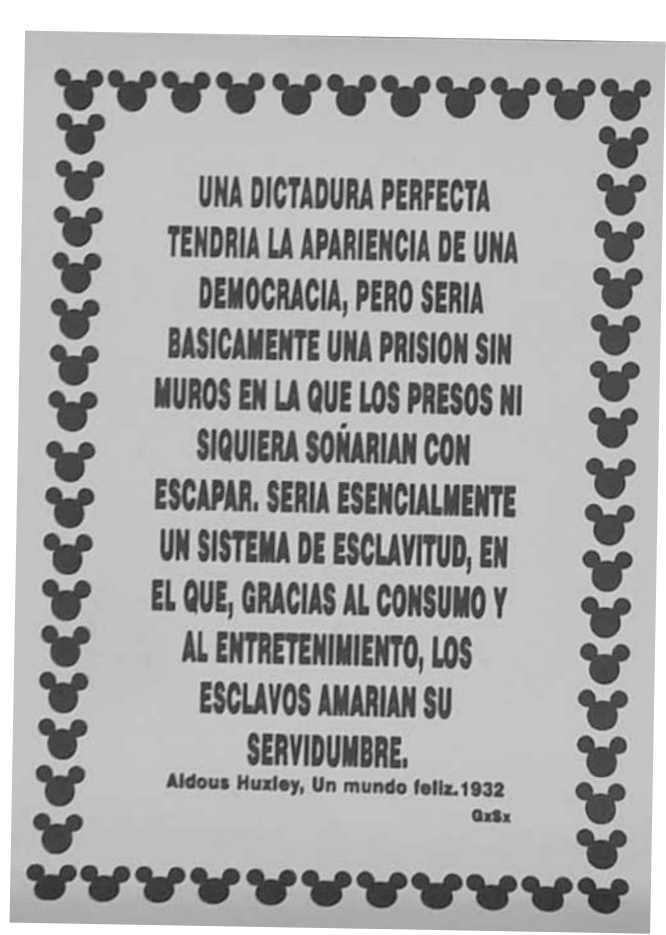
RESISTENCIA: nos oponemos a las políticas de arrasamiento y destrucción que avanza sobre nuestros pueblos.

ARTÍSTICA: militamos la lucha con nuestras herramientas. Somos artistas. Ponemos a disposición nuestros recursos, nuestros saberes, que se funden a su vez con saberes de otras prácticas en la lucha colectiva.

SOCIAL: pensamos nuestro accionar inserto en la comunidad, atravesados por la problemática de la sociedad toda, cada vez más bastardeada por las políticas neoliberales a las que estamos sometidxs.

AUTOGESTIVO: nos organizamos autónomamente, teniendo redes de intercambio, instancias de discusión e invención de dispositivos posibles.

Nos vemos en las calles.



*El atentado en la palabra es precursor del atentado en la acción;
el libelista es precursor del insurrecto,
heraldo del desorden y centinela avanzado del despotismo.
Es el mismo ente con distintas armas según los tiempos.*
Juan Bautista Alberdi (Cartas Quillotanas, 1853)

sado en términos amplios incluyendo también otros ámbitos como la confluencia en los espacios virtuales. Como propone Helena Chávez Mac Gregor (2013) se trata de pensar el espacio como "el lugar de reclamo, de comunicación y producción de otras formas de emplazamiento de lo público que no se reducen a la calle, sino que, de ida y vuelta de los espacio virtuales, forman gramáticas que se diseminan y generan una contaminación de una revuelta que se expande y contagia". En los últimos años, las redes son ocupadas por las practicas gráficas activistas y utilizadas para gestar convocatoria, adhesión y provocar las propias condiciones del encuentro. Este aspecto no deja fuera la calle como espacio privilegiado y protagónico para la acción, o como sitio propicio para el despliegue del cuerpo colectivo que busca desestabilizar los relatos oficiales y los territorios urbanos adormecidos.

Las intervenciones callejeras tienen rebote, eco y son apropiadas en distintas ciudades y países. Las diferentes condiciones geográficas y climáticas obligan a alterar y transformar los procedimientos y las herramientas plásticas militantes, a revisar los soportes y la materialidad en las movilizaciones donde las dimensiones espaciales, los suelos y las temperaturas pueden ser variables. La adherencia o la durabilidad de los afiches en plena ventisca o constante borrasca, o la diversidad de materiales de los muros según cada zona, pueden llevar a la búsqueda de nuevas y diversas formas creativas. En diferentes contextos, los recorridos de las marchas están regulados, y los avatares geográficos marcan también los modos de organización, en casos donde el cuerpo es el único soporte de comunicación, configurando rasgos particulares en diferentes lenguajes artísticos para visibilizar la defensa de los reclamos por los derechos en el espacio público. En este sentido, en épocas de crisis y de movilización social en cada región pueden activarse las memorias políticas, poniéndose en juego las propias tradiciones, la continuidad de saberes, de ciertas formas localistas de acción y de herramientas artístico-políticas mediante las cuales apropiarse y activar sentidos específicos.

La discusión versa sobre las tácticas y estrategias pero ¿cuál es el alcance de nuestras prácticas artísticas y activistas? ¿A qué aspiramos? ¿Se interviene solo desde la micropolítica o se pueden instrumentar otros posibles canales de acción y construcción? Dejamos la pregunta abierta para evitar respuestas soberbias o categóricas, y no convertirnos, como decía el poeta Miguel Abuelo: en "Bravos Napoleones sin batallas".

Sin dar respuestas acabadas, volver sobre la gráfica política busca rescatar y continuar tradiciones que se organizan de manera silenciosa y que, como en los feminismos, parten de una transferencia de experiencias de dos en dos para devenir ola y marea. Así, con el afán de no perder de vista el poder de la palabra gráfica, entre imágenes y discursos que no sacan los pies del barro, arrancando la luz de las sombras, asumimos el desafío de la batalla cultural, aunque sea, balbuceando poética y políticamente en las paredes de la ciudad las múltiples resonancias y confrontaciones de sentidos frente a un Estado ausentado, la crisis, el hambre y la represión.

Resistencias Tipográficas IV es el resultado de la experiencia acumulativa de artistas e imprenteros que vienen activando con la palabra impresa. El proyecto emerge del valor de las imprentas anarquistas y socialista de principios del siglo XX, haciendo circular panfletos y revistas en trincheras y refugios culturales como los clubes obreros, sociedades de fomento y sindicatos. La palabra escrita siempre fue parte de un programa ideológico, político, social, en manifiestos de artistas e intelectuales, de epistolarios críticos, y a la vez, de construcción cultural entre los sectores populares acostumbrados mayoritariamente a la oralidad, el rumor y el murmullo que circulaba por canales alternativos. Ese tipo de prácticas fueron resignificadas en los '60 y '70 de maneras contrahegemónicas en acciones colectivas en las que se imprimían grabados en la calle y se empapelaban los muros. Entre estos, los primeros afiches de Juan Carlos Romero, buscaban interpelar la realidad de esos años con la materialidad y consumos populares, desafiando el sentido de lo común y la participación del público como en el caso de *Violencia en 1973*.

El heterogéneo repertorio de imágenes textuales de *Resistencias Tipográficas IV* incluye los tipos de madera y metal con frases y textos que conversan otros sentidos posibles en torno a la producción artística de colectivos y prácticas del activismo que fueron recuperando el quehacer olvidado del tipógrafo.

En el contexto contemporáneo, la reapropiación de los afiches populares, como antiguos modos de producción artesanal y de comunicación visual, obedece a la superposición de distintas formas de protestas y resistencias. Éstas, rescatan el oficio tipográfico, en sus modos de pensar los espacios, el vacío y sus justificaciones, para afirmar la letra y cuestionar la lógica productiva ante los avances tecnológicos del capitalismo con los sistemas de impresión *offset* y *lasser*. Son propuestas que actúan a contrapelo con otro tiempo de producción, de construcción y composición de los textos, a destiempo de la inmediatez posmoderna, situación tensionada que sigue operando gráficamente en la realidad frente a las urgencias que demanda la política y los conflictos sociales.

La insistencia del afiche tipográfico ejerce la voluntad para reactivar la práctica hoy en el marco del neoliberalismo antipopular en varios países Sudamericanos, con un trabajo más activista en la calle, interviniendo sobre sitios específicos y distintas movilizaciones sociales, y en sí mismo, desde el propio lenguaje, activando las subjetividades de la opinión pública y la verborragia que circula tanto en los barrios como en las redes sociales.

En este sentido, en el actual devenir de las masivas manifestaciones de protesta, lo público puede ser pen-

Resistencias Tipográficas IV: Gráficas urgentes

Debates y Contrapuntos de Ideas Visuales. Nº 10, Octubre de 2018

Editores: **Andrés Aizicovich - Juan Pablo Pérez** // Comunicación Visual: **Claudio Medín** // Editorial: **María Inés Afonso Esteves, Raquel Masci y Juan Pablo Pérez** // Autores: **Fernanda Carvajal, Clara Albinati, G.R.A.S.A., Cecilia Iida y Juan Pablo Pérez.**

Participan de la muestra: **Imprenta Tipográfica Uranga, 4 Gatos Colectivo de Arte, María Paula Doberti y Virginia Corda, Javier del Olmo, Gabriel Serulnicoff, Lucía Bianchi, Hernán Cardinale, Hilda Paz, Hugo Vidal, Silvana Castro, Felix Torrez, Andrea Trotta, Kalle Brolin, Samuel Montalveti, Reina Escofet, Fernando Aita, Lorena Pradal, DNI, Claudio Mangifesta, Gabi Alonso, Luis Pazos, Larisa Chatelet, Indi Vega, Mica Ibarriola, Alicia Herrero, Cristian Profilo, La Escofina, Grupo SURes, G.R.A.S.A., Magia Negra, Artistas para el pueblo, Ilusión Gráfica, Escuadrón Guillemet, Gráfica en Resistencia, Independencia Imaginaria.**

Coordinan y participan: **María Inés Afonso Esteves, Raquel Masci y Juan Pablo Pérez.**

centro cultural de la cooperación
FLOREAL GORINI
Av. Corrientes 1543
(C1042AAB) Ciudad de Buenos Aires - Argentina.
Informes: [011] 5077-8000
www.centrocultural.coop

Director General: **Juan Carlos Junio** // Subdirector: **Horacio López** // Director Artístico: **Juano Villafaña** // Secretario de Formación e Investigaciones: **Pablo Imen** // Secretario de Comunicaciones: **Luis Pablo Giniger** // Coordinador Departamento de Ideas Visuales: **Juan Pablo Pérez.**

FB: <https://www.facebook.com/ideasvisuales/> Correo: visuales@centrocultural.coop
Blog: <http://www.centrocultural.coop/blogs/ideasvisuales/>